

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR

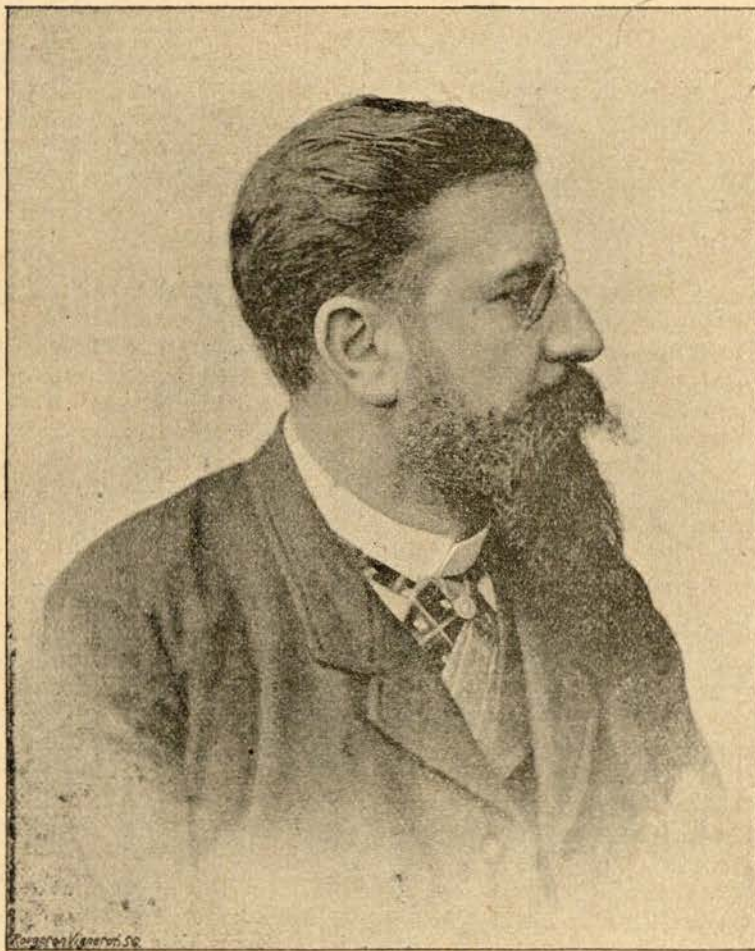
Ernesto Vieira

SUMMARIO — R. Pugno — Musica de Camara (continuação) — Concertos — Piano duplo — Notas Vagas... — Victor Hussla — Noticiario — Necrologia — Bibliographia — Caricaturas.

A ARTE de tocar piano tem passado por enoimes transformações. Haydn e Mo-

recurvados, saltando ligeiramente com as mãos como se encontrassem um bico de alfinete em cada tecla.

Clementi e Cramer, estudando os recursos do então novo instrumento, procuravam uma suavidade de ataque e uma ligação de sons que os martellos parecem recusar com



R. PUGNO

zart, habituados á pulsação saltitante dos antigos cravos em que primeiro tocaram, picavam as teclas com as pontas dos dedos

a sua percussão, a qual só uma extremada delicadeza de tacto póde attenuar; para esse fim dedilhavam serenamente, com as

mãos immoveis, quasi estendidas, e os dedos unidos ás teclas.

O doce Chopin trouxe para o piano accentos patheticos. Deu «alma» ao instrumento. Por isso mesmo não deixou de lutar heroicamente contra a brutalidade d'essa machina de martellos, domando-a como se domo uma fera, e tão completamente que a tornou em manancial de suavissimas harmonias.

Depois vieram Thalberg e Liszt, ou antes, os seus maus imitadores. Os dedos de veludo fizeram-se molas de aço. Imperou o martello.

Hoje a orientação mudou. A furia de martellar affrouxou muito no todo. Exige-se uma arte mais séria, embora variada e emocionante. Quer-se que a intelligencia tenha parte, pelo menos, igual ao mecanismo nos meios a empregar para captivar os sentidos.

Mas estes estão gastos e carecem de estimulantes.

Por isso convergem todos os esforços para obter o maior e mais variado numero de recursos, fazendo do piano uma machina perfeita ao ultimo ponto, que saiba, não só tropejar sonoridades em competencia com a orchestra, mas tambem murmurar idyllios como o mais primoroso cantor, constituir elle mesmo um conjuncto de bem distinctas e puras vozes, ser sério com Bach, ingenuo com Mozart, sublime com Beethoven, devaneador com Chopin, imponente com Liszt.

Para tudo isto, o martello terá umas vezes de bater nas cordas como se fosse malho de Cyclope, outras vezes deverá beijal-as com a doçura de creança. A pulsação das teclas terá mil cambiantes, desde o mais violento *staccato* até ao extremo e difficil ligado.

E' forçoso reconhecer que para os dez dedos de uma só pessoa produzirem este resultado, devem ser dotados de uma habilidade que atinja o prodigio.

Mas esta habilidade, por immensa que seja, só produz a parte mechanica da arte de tocar piano. Resta a parte intellectual, que tem hoje de satisfazer exigencias nunca d'antes sonhadas: a historia da arte, a obra dos mestres, a interpretação devida a cada um d'elles, o estylo, a expressão, etc.

E, sobre tudo, o proprio sentimento, a individualidade caracteristica.

Dizem criticos acreditados, que depois de Antonio Rubinstein é Raoul Pugno um dos pianistas da actualidade que mais completamente satisfaz as mil exigencias da moderna arte de tocar piano. Não é um fino cultor da arte antiga como Diémer, nem um delicado como Francis Planté, mas é colorista, dramatico e expressivo como nenhum

outro o será mais, correcto e perfeito no mecanismo até ás ultimas exigencias.

Raoul Pugno nasceu em Montrouge a 23 de junho de 1852. Seu pae era um italiano que se estabelecera em Paris com um modesto armazem de musica, e foi o primeiro mestre que elle teve. Na infancia frequentou a escola de musica religiosa dirigida por Niedemeyer, e em 1866 entrou para o Conservatorio obtendo logo n'esse anno o primeiro premio de piano e o segundo de solfejo. Depois alcançou successivamente, e apenas em quatro annos, os primeiros premios de harmonia e de órgão, e o segundo de contraponto. Tinha dezeseite annos quando se dedicou ao ensino.

Durante os terriveis dias da Communa conservou-se em Paris, mantendo boas relações com alguns dos revolucionarios, chegando a ensaiar um grande concerto dirigido por elle e em que devia executar-se uma composição sua. Tal concerto não se realizou porque no dia seguinte ao do ensaio geral entraram em Paris as tropas de Versailles. Embora, segundo se affirma, Raoul Pugno não tivesse tomado parte nas desordens da Communa, as suas relações com os chefes communistas tornaram n'o suspeito e esta circumstancia prejudicou-lhe muito o adiantamento da carreira. Com grande difficuldade poudo obter o logar de organista, e seguidamente de mestre da capella, n'uma das egrejas de Paris, até que em 1892 foi nomeado professor de harmonia no Conservatorio. Em 24 de dezembro de 1893 apresentou-se n'um dos concertos classicos do Conservatorio tocando o concerto de Grieg, e tal foi o effeito produzido que ficou desde logo considerado entre os primeiros pianistas actuaes. Depois apresentou-se repetidas vezes nos concertos de Colonne, sendo sempre applaudido com enthusiasmo e crescendo a fama do seu nome.

Ha dois annos deixou a classe de harmonia para dirigir a de piano, vaga pelo fallecimento de Henri Fissot.

Pela mesma época associou-se com o violinista Ysaye para realisarem annualmente na sala Pleyel uma série de sessões de musica de camara que intitularam «Sonata antiga e moderna». O exito d'essas sessões tem sido grande; fez agora exactamente dois mezes que terminou a segunda série, e toda a imprensa artistica de Paris glorificou com os mais calorosos elogios as maravilhas de execução apresentadas pelos dois primorosos musicos.

Raoul Pugno tambem tem trabalhado bastante como compositor. Em 1879 fez executar nos concertos de Padeloup uma oratoria intitulada *La Résurrection de La-*

zare, e depois d'isso tem escripto musica para algumas peças representadas em diversos theatros de Paris. Tem publicado tres collecções de melodias para canto e muitos trechos para piano, sobresahindo entre elles uma «Grande Sonata», «Valsa de Concerto», etc. Ha apenas dois dias (quinta feira, 13) apresentou elle nos pequenos concertos de Colonne (Nouveau-Théâtre) uma nova composição «Amours Brisés», poema para canto e piano, cantado por M.^{lle} Tanesy, versos de Maurice Vaucaire.

ERNESTO VIEIRA.

MUSICA DE CAMARA

(Continuado do n.º 5)

E entretanto a fonte não se extingue.

A par das brilhantes sociedades orchestraes, conservou-se sempre o simples quartetto.

Ha cerca de trinta annos tinha elle os principaes nucleos nas casas dos viscondes de Arneiro e da Charruada. Depois, desde 1882, o centro mais activo e persistente tem sido em casa do entusiasta amator dr. D'Korth, cujo apurado gosto se manifesta na escolha das obras executadas, que são tudo o que o repertorio da especialidade tem de melhor, tanto no estylo classico como no moderno e actual. Nem ali tem deixado de haver ensejo para se apreciarem as obras que exigem maior numero de executantes, como são os ottettos de Mendelssohn e Svendsen, o duplo quartetto de Spohr, etc.

Teem sido convivas n'estes agapes musicas artistas dos mais illustres, como Hussla, Colaço, Arbós, Rubio, Monasterio, Gregorowitch e outros. Entre os commensaes effectivos contam-se o nosso dedicado collaborador dr. Esteves Lisboa, Augusto Gerschey e Agostinho Franco, amadores que possuem qualidades de verdadeiros artistas.

Tambem não eram menos interessantes as sessões que o sr. visconde de Oliveira Duarte realisava annualmente em sua casa, e ha pouco foram interrompidas por causa da falta de saude que infelizmente tem apouquentado este illustre amator e tão distincto pianista. Costumava elle chamar para seus collaboradores os melhores artistas que podia obter, os quaes não só lucravam materialmente graças á generosidade do sr. visconde, mas tambem se instruiam tomando conhecimento com as obras dos grandes mestres, e se aperfeiçoavam estimulados pelo empenho de tocarem com muito mais esmero do que o habitual nas nossas orchestraes.

Isto pelo que respeita á iniciativa dos

amadores, a qual, diga-se com inteira verdade e justiça, tem muito para louvar e de que prezar-se.

Mas os artistas teem tambem tido os seus momentos de louvavel iniciativa; peccam unicamente pela falta de persistencia.

A primeira sociedade de artistas que se constituiu em Lisboa para dar sessões publicas de musica de camara intitulou-se «Sociedade de Concertos Classicos», e era composta do pianista Guilherme Daddi, Roque Lima (1.º violino), Wintermantel (2.º violino), João Metello (viola) e Eduardo Wagner (violoncello). Abriu uma assignatura para seis concertos, dos quaes o primeiro teve lugar em 25 e o ultimo em 31 de março de 1874. As principaes obras executadas foram: o trio em dó menor, de Beethoven; o quartetto com piano, em fá menor, de Mendelssohn; o quartetto em ré, de Haydn; o 13.º quartetto de Beethoven; o quartetto em sol, de Mozart; a sonata em dó menor, para piano e violino, de Beethoven; o quintetto d'este auctor, obra 16, para piano, oboé, clarinette e fagotte; o duetto para piano e clarinette, de Weber. Coadjuvaram os socios na execução d'estas duas ultimas obras, Augusto Neuparth (fagotte no quintetto e clarinette no duetto), Raphael Croner (oboé) e Carlos Talassi (clarinette no quintetto). Os preços da assignatura eram notavelmente baratos: 4\$500 réis pelos seis concertos, podendo cada assignante ser acompanhado por tres senhoras.

No anno seguinte, em 1875, constituiu-se outra sociedade que se intitulou «Sociedade de concertos de Lisboa», sendo seu principal influente Rio de Carvalho. Contava no principio como pianista o visconde do Arneiro, cujo nome chegou a figurar no primeiro programma, mas esse não appareceu, sendo substituido por José Vieira e Daddi. Os restantes socios eram Ildefonso Reymondes (pseudonymo de um habil violinista hespanhol chamado Manuel Banquer, o qual residio alguns annos em Lisboa), Zenoglio (2.º violino), Neumayer (viola), Cunha e Silva (violoncello). Entre as composições dos grandes mestres que executou, merecem principal menção os dois quartettos de Mendelssohn, obras 12 e 44, o quartetto de Haydn conhecido pela designação «As sete palavras de Christo», o «Andante com variações» do quintetto de Beethoven, obra 27, um dos trios e uma das sonatas para piano e violino d'este mesmo auctor. Esta segunda sociedade organizada nas mesmas condições da primeira, teve como ella vida ephemera, limitada a uma unica serie de seis sessões. A terceira sociedade de concertos de musica de camara nasceu sob a

enthusiastica influencia do mallogrado Victor Wagner, recémchegado de Leipzig, e morreu com o seu infeliz fundador. Faziam parte d'ella José Vieira, Reymondes, Metello e Eduardo Wagner. Os seus concertos realisaram-se na primavera de 1876. Das obras notaveis então executadas, citarei os dois quartettos de Schubert, obra 117 e obra posthuma, o trio de Mendelssohn, obra 49 e o 8.º concerto de Spohr.

Depois veio um periodo de completo e geral adormecimento para os artistas musicos de Lisboa, até que os veio despertar os grandiosos concertos iniciados em 1879 sob a direcção de Barbieri e continuados nos annos seguintes, tendo Colonne por director. Este movimento incitou vontades, principalmente entre os novos, e Filippe Duarte commetteu o louvavel atrevimento de organizar uma sociedade de musica de camara, composta de artistas novatos, a qual deu varias sessões de 1881 a 1883. Fizeram parte d'essa sociedade Julio Caggiani (1.º violino), Wintermantel (2.º violino), Joaquim d'Almeida (viola), Palmeiro (violoncello). Como bem se pôde suppor, o esmero da execução não subiu a grandes alturas, mas nem por isso deixou de ser muito para notar e louvar a iniciativa; os executantes eram dotados de sufficiente habilidade para progredirem se continuassem o seu emprehendimento, mas deixaram-se vencer pelo mal commum: falta de animo.

(Continúa.)

ERNESTO VIEIRA.

CONCERTOS

Muito pobre de concertos a quinzena que finda hoje.

Apenas houve uma primeira apresentação, tentativa modesta de um pianista novato o sr. Theophilo de Russell.

Executou a «Sonata apaixonada» de Beethoven, a «Fuga a tres vozes com algumas licenças», do mesmo auctor, o «Improviso variado» de Schubert, a «Polonaise» e «Berceuse» de Chopin, o «Trovador» de Liszt. Mostrou qualidades que deve aproveitar observando os bons artistas e seguindo-lhes os exemplos.

Em compensação da penuria actual teremos abundancia proxima: amanhã realisa-se o concerto de Rey Colaço, no dia 25 o de Victor Hussla, em 18 o de Miguel Angelo e no dia 21 a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sarah Motta Marques reúne as pessoas das suas relações para lhe dar o prazer de alguns momentos de boa musica. O 3.º concerto da Real Academia, mbem terá lugar ainda este mez.

INVENÇÕES O PIANO DUPLO

Entre os instrumentos de musica postos recentemente em circulação ha um que merece honrosa menção n'esta revista, e que é tambem devido, como a *Harpa chromatica*, ao engenhoso espirito inventivo de Gustavo Lyon, o actual director da importante casa Pleyel.

E' o *Piano duplo*, uma intelligente simplificação, que permite a dois pianistas assentarem-se em frente um do outro, a uma distancia de 2^m,40, dispondo cada um do seu teclado, das suas cordas e dos seus martellos, e partilhando só o *tampo de harmonia* que é o mesmo para os dois machanismos. Na sua simplicidade, é justamente este tampo de harmonia commum, que se affigurou impossivel de realisar a muitos outros fabricantes, e alguns d'elles notaveis, que tentaram abordar a ideia, mas que na supposição de que fosse impraticavel, a abandonaram logo.

Na disposição das cordas, que são cruzadas para cada um dos machanismos, lembra a dos pequenissimos pianos de cauda que Carlos Gounod, n'um dia de bom humor, baptizou de *sapos (crapauds)*.

Uma particularidade que permite produzir effeitos novos e assaz felizes. Ferindo-se uma nota ou accorde n'um dos teclados, as vibrações repercutem-se por sympathia, nas cordas do segundo, se houver a precaução de levantar, n'este ultimo, os abafadores.

Quanto á forma exterior do instrumento, terão os leitores d'*A Arte Musical*, uma ideia nitida, pela gravura que lhe offerecemos n'este numero.

Com o *Piano duplo*, o engenheiro Lyon attingiu duas vantagens essenciaes: a facilidade de accommodação de dois Pianos de cauda n'uma sala, que não seja muito vasta e sobretudo uma admiravel fusão de sons perfeitamente homogeneos, entrelaçando-se artisticamente, sem sombra de discordancia, cousa rarissima de obter-se em dois pianos differentes.

Estreiam o *Piano duplo* em Paris, improvisando com rara felicidade, deante d'um selecto auditorio, os srs. Raul Pugno, abalissado professor francez, cujas notas biographicas honram hoje este jornal, e Theodoro Dubois, o illustre director do Conservatorio de Paris.

Depois d'esse primeiro successo, tem figurado o *Piano duplo* em innumeros concertos, em Paris, Londres e outras cidades, constatando-se sempre as qualidades que o tornam merecedor de um lugar de honra na moderna industria pianistica. L.



Lamy

PIANO DUPLO

NOTAS VAGAS...

Cartas a uma Senhora

I

De Lisboa.

E' d'aqui, d'esta linda e luminosa terra que eu lhe escrevo, querida amiga veneranda.

Lá n'essas paragens humidas e tristes onde a civilisação pompeia, mas onde o sol não brilha, gosara v. ex.^a muito em prazeres de espirito e em sensações de vida, mas por aqui, por esta Lisboa talvez monotona mas apesar de tudo amada, quando não ha nada a admirar, admira-se o ceu eternamente limpido e a paisagem eternamente clara... e creia que não perdemos.

Do alto dos montes varios que por cá abundam, miradouros gratuitos com que Deus nos regalou bondoso, sempre cada um de nós tem á mão com que enlevar os olhos e distrahir a alma; o resto quando vem é ouro sobre azul, quando não vem phantasia-se ou evoca-se, e assim se vae entretecendo a vida com dias pardos ou com dias roseos pelo que se refere á existencia moral — mas ao menos com uma restea de sol pelo que se refere ao physico.

*

Ah! no emtanto — como de leve lembro — ás vezes tambem uma coisa surge que os intellectuaes exigentes, de cá ou de fóra, pôdem louvar sem reserva e admirar sem favor, — e então é uma festa:

Ahi tiveram elles no mez que passou a tão finamente artistica, e tão notavelmente bella exposição das rendas que o gosto creador e raro de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro soube extrahir de meia duzia de bilros em movimentos rapidos e de algumas meadas de linha em evoluções estranhas, e mercê do genio pessoal de quem dirigiu e da habilidade profissional de quem executou, convertidas em lindos pannos rendilhados de patricios leques, em fidalgos cabeções alados proprios para alabastrinos collos, em lenços ideaes que pequeninas mãos grácis amarrotarão nervosas, em sombrinhas de uma estylisação encantadora e sabia que a posteridade contemplará com pasmo, n'uma palavra em mil filigrannas varias enamorando os olhos, hypnotisando as almas, embevecendo os cerebros...

E tudo isto tão portuguez e tão nosso, que para de todo se enraizar na historia do

Portugal moderno apenas espera o *fiat* redemptor do bafejo publico e da consagração economica.

Venho a dizer que no dia em que alguém ou alguma entidade quizer coadjuvar com efficacia e sustentar com perseverança, isto é, com dinheiro, e com methodo a benemerita senhora que penetrou com os requintes ideaes da arte as riquezas instinctivas da tradição, n'esse dia não só estará descoberto mais um filão aurifero para o trabalho da mulher portugueza mas haver se-ha simultaneamente achado um veio novo de inspiração ideal...

*

Poderia ainda, veneranda amiga para quem estas linhas são, continuando a querer deliciar-lhe os olhos, falar-lhe, embora de corrida, de certas telas aqui e ali perdidas na ultima exposição dos nossos pintores, e que em verdade são por vezes representativas *manchas* da nossa terra, e onde existe *algo más* que tinta e côr, pois que uma ou outra — não muitas, com tristeza o constato — encerra um vago perfume ethereo de poesia e de verdade, mas ai de mim querida amiga não quero abusar da sua paciência immensa e tenho ainda para citar-lhe cousas que podendo ser para os olhos mais especialmente o são para os ouvidos; pretendo referir-me a essa perturbante *Serrana* que a intelligencia viril de Keil poderosamente esculpiu em notas, e onde uns certos cantos populares do 1.^o acto como que nos fazem nascer na alma as flores viçosas dos nossos vallados e quasi nos dão a impressão real da frescura dos nossos rios; onde uma certa pagina vibrante e sentida do 2.^o acto tem em si relevo bastante para ser percebida em toda a parte, onde em summa um certo côro no ultimo acto nos faz scismar a um tempo nas bellezas ideaes de algum paiz de sonho, e nos encantos subteis de alguma região aerea...

*

Não mergulha a minha santa amiga nas aguas turvas da politica, senão dir-lhe-hia que tambem podia apontar-lhe os livros por mais de um titulo interessantes de dois luctadores galhardos, que tão dissimilhanes nos pontos de vista e na orientação psychica tão unanimemente sentem e descrevem o que a tal politica parece ser e tão concordes se mostram na descripção do rio onde taes aguas correm, mas quero merecer a sua estima e não o seu horror... pelo que por aqui me fico.

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Victor Mussla



ARTISTA eminente, espirito illustrado, dedicação sem limites pela arte que professa, ao vir para Portugal exercer a sua fecunda actividade adquiriu jus, não ao cumprimento dos simples deveres hospitalares, mas ao preito de todas as pes-soas que estimam sinceramente os progres-

sos artisticos do nosso paiz.

A sua utilidade entre nós é bem manifesta. Os serviços que tem prestado no nosso meio artistico bem evidentes. Ninguem de boa fé os pôde negar.

Alliando á perfeição do artista o esmero da educação, a finura do trato, promptamente conquista sympathias que a breve trecho se tornam em sincera amizade.

Fux.

NOTICIARIO

Do Paiz

O sr. Francisco de Lacerda, bem conhecido pianista e compositor, actualmente residente em Paris, escreveu nos algumas palavras amaveis sobre o nosso empreendimento do *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes* que estamos publicando juntamente com a *Arte Musical* e offerece-nos a sua illustração collaboração n'este jornal. Está claro que accetamos muito gratos, esperando em breve a sua apreciavel correspondencia.

*

Existe em Lisboa uma associação de soccorros mutuos que pretende, e frequentemente faz constar nos jornaes, ser a mais antiga que hoje existe. Perdão: essa honra caber lhe-ha em segundo lugar, mas não em primeiro; este pertence de direito ao *Monte-Pio Philarmónico*, associação composta exclusivamente de professores de musica, cujos primeiros estatutos foram approvados em as-

sembléa reunida aos 21 de abril de 1834, realisando-se a sua installação definitiva em 4 de novembro do mesmo anno.

Deixem ao menos esta pequena gloria aos pobres musicos, já que tão pouco caso fazem d'elles quando não precisam dos seus serviços.

*

Sua Magestade o Senhor D. Carlos comprou a um livreiro de Berlim a rarissima obra de D. João IV, *Defensa de la musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco*. Custou esta preciosidade bibliographica a El-rei cerca de tresentos mil réis.

Do Estrangeiro

O fabricante de pianos em Vienna d'Austria, Louis Boesendorfer, abriu um concurso em honra da memoria de Bulow, para a composição de um concerto para piano e orchestra. Apresentaram-se 72 partituras, das quaes um jury composto de pianistas apurou tres que foram submettidas ao julgamento do publico para dar a sua opinião sobre o merito relativo de cada uma d'ellas. Obteve maior numero de votos a obra de um joven pianista-compositor hungaro, Ernest Dohnanyi, que executou elle mesmo a sua composição; foi-lhe adjudicado o primeiro premio na importancia de 2:000 corôas (1:000 libras em oiro). O segundo premio (1:200 corôas) coube a Jan Brandts-Buys, artista hollandez que estudou em Vienna, e o terceiro (800 corôas) teve-o Eduardo Behm, de Berlim.

*

A Sociedade dos Compositores de musica de Paris abriu concurso, reservado aos musicos francezes, para a composição das seguintes obras:

1.º — Uma «Abertura» a grande orchestra para a Exposição de 1900. Premio 1.000 francos, offerecido pelo ministro de instrucção publica. — 2.º «Obra symphonica», para piano e orchestra. Premio 500 francos fundado pela casa Pleyel, Wolff. — 3.º «Phantasia concertante» para piano e violino. Premio 300 francos offerecido por mr. Albert Glandaz. — 4.º «Um trecho de canto», com acompanhamento de piano e outro instrumento obrigado. Premio 150 francos offerecido por mr. Mel Bonis.

*

Agradou muito em Vienna, mais ainda do que tinha agradado em Munich e Leipzig, a opera de Siegfried Wagner intitulada *Der Baerenhaeuter* (O homem com pelle de urso). O filho de Ricardo Wagner penhorado pelo acolhimento com que na capita, austriaca foi recebida a sua primeira operal

prometteu que a segunda será estreitada em Vienna.

*

Em Londres trata-se activamente de fundar um theatro de opera nacional, em condições grandiosas. Calcula-se em 150:000 libras o capital necessario para o empreendimento, ao qual se pretende dar um caracter accentuadamente popular.

Era a Inglaterra um dos poucos paizes da Europa que ainda não tinha theatro nacional para a opera lyrica. Logo que o tenha, ficará essa lacuna por preencher apenas em Hespanha, Turquia e... Portugal.

*

Beaucoup de Bruit pour rien é uma opera comica em quatro actos imitada de Shakespeare, por mr. Ed. Blau, musica de mr. Paul Puget, a qual está actualmente agradando muito em Paris.

A sua primeira representação teve logar no dia 24 de março proximo passado.

*

De 7 a 11 de maio proximo, realizará a *Beethoven-Verein*, em Bonn, uma serie de sessões de musica de camara sob a presidencia honoraria do venerando mestre do violino J. Joachim. Executar-se-hão n'essas sessões os novos quartettos de Berger e Scholtz ultimamente premiados no concurso aberto por aquella associação. A sociedade de quartettos dirigida por Joaquim executará tambem algumas obras de Beethoven.

Necrologia

Falleceu no dia 11 o excellente violinista e compositor portuense Antonio Canedo, artista muito estimado no Porto não só pelo seu merecimento como pelo honesto caracter que possuía.

Escreveu muitas peças para diversos theatros e occupou durante muitos annos o logar de primeiro violino no theatro de S. João. Actualmente era o primeiro violino da orchestra do theatro do Principe Real.

Falleceu na vespera da noite em que devia realizar-se a sua festa artistica n'aquelle theatro.

...~...~...

BIBLIOGRAPHIA

Les Gaietés du Conservatoire, por Albert Lavignac (Delagrave, editor), collecção de anedotas, ditos picantes e factos burlescos succedidos no conservatorio de Paris. Volume de litteratura espirituosa, ornado de caricaturas e desenhos extravagantes. Boa leitura para desfastio, mas pouco interes-

sante e pouco respeitadora da verdade, como é proprio do genero.

*

Traité de la Pédale ou Methode de son emploi au piano, por M. Kufferath (Breitkopf, editor). Assumpto que está preocupando muito os pianistas, parece-nos que até com excesso. Já um escreveu que os pedaes eram a alma do piano; salvo o devido respeito, cremos que um instrumento com alma só nos pés será um grande desalado.

*

La Musique à Paris, por Gustave Robert (Delagrave, editor). Revista dos concertos realizados na grande capital durante o anno de 1897 a 1898, noticia das obras publicadas durante a mesma época. E' uma collecção de artigos de jornal, conceituosos e bem escriptos, reeditados em elegante volume de pequeno formato. Vae no quarto anno da sua publicação, e o auctor annuncia que o quinto volume, relativo a 1898-1899, apparecerá no futuro mez de outubro.

COLLECÇÃO

DAS 5 CARICATURAS DE JOSÉ MALHÔA

OFFERECIDAS AOS AMADORES QUE TOMARAM PARTE

no 1.º concerto de musica de camara

(em 30 de janeiro de 1899.)

— IV —



D. LUIZ DA CUNHA E MENEZES